

PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

Coord.: José Reis
Um trabalho coletivo do CES

PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

Coord.: José Reis
Um trabalho coletivo do CES



Centro de Estudos Sociais
Universidade de Coimbra



UNIVERSIDADE DE
COIMBRA



Organização
das Nações Unidas
para a Educação,
a Ciência e a Cultura



Universidade de
Coimbra - Alta e Sã
inscrita na Lista do Património
Mundial em 2013



PROGRAMA OPERACIONAL COMPETIÇÃO E INOVAÇÃO



UNIÃO EUROPEIA

Fundo Europeu
de Desenvolvimento Regional



Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

Coordenador

José Reis

Editor

Centro de Estudos Sociais
Universidade de Coimbra

Revisão Científica

Ana Cordeiro Santos, António Sousa Ribeiro, Carlos Fortuna, João Rodrigues, José Castro Caldas, José Reis, Pedro Hespanha, Vítor Neves

Revisão Linguística

Ana Sofia Veloso, Alina Timóteo

Design e Paginação

André Queda

Julho, 2020

Este trabalho é financiado por Fundos FEDER através do Programa Operacional Factores de Competitividade – COMPETE e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto UIDB/50012/2020.

Os dados e as opiniões inseridos na presente publicação são da exclusiva responsabilidade dos/das seus/suas autores/autoras.

ISBN

978-989-8847-25-6

ANTROPOCENO

António Carvalho

O Antropoceno é a época geológica proposta para ilustrar a indissociabilidade entre as ações humanas – a partir da Revolução Industrial – e as respostas ao nível planetário às alterações climáticas, aquecimento global e fenómenos meteorológicos extremos. O capitalismo global tem reagido ao Antropoceno através de uma resposta hipermoderna, recorrendo a instrumentos como mercados de carbono, desenvolvimento de tecnologias emergentes para controlar e gerir a radiação solar e a multiplicação de dispositivos legais e burocráticos que aumentam as divisões entre Norte e Sul global, naturalizando o ímpeto extrativista do capitalismo.

O Antropoceno marca uma nova fase do capitalismo global em que a natureza e os sistemas terrestres são apropriados enquanto mercadoria, gerando novos desafios para os movimentos sociais. Se, por um lado, a meta-narrativa das alterações climáticas é mobilizada por governos e instituições supranacionais para promoverem a hegemonia do capitalismo planetário, por outro, os movimentos de cidadãos têm de recorrer à *expertise* científico-técnica para justificarem as suas lutas.

A matriz tecnológica e científica ocidental está fortemente articulada com a expansão do capitalismo. É um desafio complexo escapar à narrativa do capitalismo verde, que se manifesta através de uma política material emancipatória associada a energias renováveis, carros elétricos e formas de consumo “sustentável”. A própria resistência de regimes populistas – como no Brasil e nos Estados Unidos – em

reconhecerem a emergência climática reforça a narrativa técnico-científica que sustenta as novas formas de capitalismo, complicando a produção de novas ecologias de saberes.

Os movimentos sociais têm de se posicionar criticamente perante as transições para sociedades de baixo carbono, atentando de que forma a naturalização das alterações climáticas não poderá constituir uma legitimação de processos decisórios *top-down* que marcam uma nova fase do capitalismo global. É também necessário estabelecer pontes com grupos do Sul global e descentrar o Antropoceno da sua matriz branca e ocidental, atribuindo visibilidade às experiências e narrativas daqueles que sofrem na pele os efeitos das alterações climáticas.

É também urgente envolver as populações em exercícios participativos acerca das soluções tecnológicas propostas para fazer face ao Antropoceno, como a geoengenharia, evitando processos de dupla delegação que diminuam a capacidade dos cidadãos em influenciarem a arquitetura social e tecnológica contemporânea.

As ciências sociais devem concentrar-se em analisar a política material das alterações climáticas e transições associadas, abandonando uma matriz heurística dualista que não tem em consideração a agência material dos não-humanos. Nesse sentido, é necessário desenvolver novas ontologias e metodologias que permitam formas mais amplas de participação política para além do humano.